

moralidade, mas uma generosidade perpassada por determinações racionais.

Com isso, traz à tona, novamente, a discussão a respeito da dicotomia entre razão e emoção no contexto da formação moral das educadoras. Como afirma, "é nessa articulação mais elaborada das relações entre essas dimensões que, entendendo, deva residir o fundamento de uma formação para o cuidado das educadoras infantis".

Superando a dicotomia de concepções teóricas que ora privilegiam a cognição e a razão, e ora privilegiam os sentimentos e emoções, Montenegro adota, como caminho para a formação das educadoras infantis, a proposta construtivista de educação moral do autor catalão Josep Maria Puig, da Universidade de Barcelona. E o faz porque Puig situa-se numa perspectiva que concebe a educação moral como construção de personalidades morais, e isso pressupõe processos educativos que almejem o desenvolvimento pessoal de personalidades morais. Ora, esta é, justamente, a tese central da autora.

A aproximação da concepção de Puig sobre educação moral, ao mesmo tempo que parece "confortar" Thereza Montenegro, aponta-lhe a importância de investir numa nova e difícil empreitada: desenvolver um programa de educação moral que, tal como a autora prescreveu, "tenha como um de seus objetivos o domínio das funções psicológicas da consciência moral". O cuidado seria, pois, uma dessas funções.

A maior contribuição do livro está no convite à reflexão sobre a educação moral, ou, como propõe a autora, a educação para o cuidado. Ao mesmo tempo que abre novos caminhos para a pesquisa, tece uma rica e instigante discussão sobre a temática. Discussão inacabada e salutar para o avanço da educação brasileira. E da maior urgência.

Valéria Amorim Arantes de Araújo

Departamento de Filosofia e Ciências da
Educação da Faculdade de Educação da USP
varantes@usp.br

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: UM RETRATO EM CINCO DIMENSÕES

Neusi Aparecida Navas Berbel, Waldecira Souza da Costa, Icléia Rodrigues de Lima e Gomes, Cláudia Chueire de Oliveira e Maura Maria Morita Vasconcelos
Londrina: Ed. UEL, 2001, 268p.

Muito se tem dito sobre avaliação, sempre do ponto de vista dos especialistas e professores. Neste livro os interessados no tema encontram uma importante contribuição para a reflexão da prática docente tendo, porém, como referência, a visão do aluno. O texto também resgata as discussões em torno do trabalho avaliativo desenvolvido na sala de aula, uma vez que, nos tempos atuais, o foco principal da avaliação tem se deslocado para a esfera macro dos sistemas de ensino.

A partir de um referencial teórico, as autoras situam o problema ressaltando que a avaliação da aprendizagem no ensino superior é, efetivamente, uma questão problemática que necessita ser explorada por diversos ângulos, com vistas a orientar professores em sua prática pedagógica e na formação de novos professores para esse nível de ensino.

A proposta do livro surgiu a partir do desenvolvimento do projeto integrado de pesquisa: "Avaliação no ensino superior: significado e conseqüências," coordenado pela professora Neusi Berbel, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), do qual as autoras participaram, assumindo a análise de uma das cinco dimensões da avaliação.

O projeto teve como objetivo conhecer as práticas avaliativas dos professores do ensino superior, em 14 cursos de licenciatura da UEL, e refletir sobre o seu significado pedagógico e conseqüências na vida dos alunos.

Para desenvolvê-lo foi utilizada a "metodologia da problematização", que adota procedimentos eminentemente qualitativos. Sua escolha deveu-se, segundo as autoras, ao fato de se tratar de abordagem que apresenta possibilidades de in-

tervenção na realidade. Esta metodologia é desenvolvida basicamente em quatro etapas: observação da realidade e identificação do problema; definição dos pontos-chave a estudar; teorização, em que a investigação se intensifica e colhe elementos para a elaboração das hipóteses de solução, e aplicação, que deve ocorrer pela prática transformadora no contexto em que se deu a investigação.

A organização do livro permite que o leitor acompanhe o desenvolvimento de cada etapa. Assim, na introdução as autoras descrevem o processo de observação da realidade, a partir do qual definem o problema a ser investigado. Nos capítulos que se seguem apresentam os pontos-chave estudados a partir da definição do problema, os quais correspondem às cinco dimensões da avaliação. A etapa de teorização foi desenvolvida mediante trabalho de classificação das respostas obtidas no interior de cada dimensão. Essa etapa, bem como a descrição dos pontos-chave, compõe os cinco capítulos do livro e corresponde à dimensão pedagógica, instrumental, emocional, ética e corporal/ritual. Finalmente, ao concluir as autoras abordam as hipóteses de solução e indicam o compromisso firmado com a transformação.

As dimensões foram analisadas a partir do registro de situações vividas em sala de aula com a avaliação, seguidas do comentário dos alunos. Os comentários foram classificados em positivos e negativos, sempre do ponto de vista dos alunos.

O primeiro capítulo trata da *Dimensão Pedagógica*, entendida como a relação que a avaliação mantém com os elementos essenciais à organização e metodologia definida para cada momento do trabalho.

As respostas dos alunos nessa dimensão foram classificadas em vários aspectos diferentes: o tratamento dado ao conteúdo na avaliação, desdobrado em: coerência entre o que é ensinado e o que é cobrado; clareza no objetivo das avaliações; relação entre teoria e prática e, finalmente, avaliação do que é relevante, útil, importante para a vida; forma de ensinar e avaliar. Nesse aspecto as respostas dos alunos apontam para a coerência

entre a forma de ensinar e a forma de avaliar; o uso de métodos estimulantes, a preparação do aluno para a avaliação, a relação entre professor aluno (atenção, interesse pelo aluno) e o fornecimento do *feedback*. As respostas dos alunos ainda apontaram para outros fatores importantes como: os critérios de avaliação, a clareza no ensinar e no avaliar, que se refere à elaboração das questões e dos instrumentos, e o nível de exigência quanto à elaboração pessoal dos conhecimentos exigidos dos alunos.

Nesta dimensão os comentários positivos dos alunos relatam o uso de várias alternativas de avaliação que não apenas a prova, o uso da avaliação para aferir o conhecimento e não como vingança, a preocupação do professor com a formação do aluno mais que com a sua nota, a valorização do seminário como forma de avaliar, entre outras. Já os comentários negativos referem-se à falta de diálogo e de relacionamento com o aluno, má atuação com os conteúdos, entre outras. O que se percebeu é que as observações dos alunos fazem parte de um ideário presente no modo como pensam a prática educativa.

No segundo capítulo, breve revisão do surgimento da avaliação da aprendizagem é apresentada para introduzir a *Dimensão Instrumental*. Esta é entendida, ao longo do tempo, como sendo constituída por elementos que compõem a estrutura operacional de acompanhamento do rendimento escolar, e compreende as formas, os instrumentos e os meios que os professores utilizam para obter dados sobre o processo de ensino e aprendizagem dos alunos e em relação a si mesmos, como docentes, no contexto macro em que a escola está inserida.

Nesta etapa foram identificados, a partir dos registros dos alunos, 30 procedimentos de avaliação, agrupados em três categorias: provas, trabalhos e outros procedimentos.

As provas para os alunos continuam sendo o recurso oficial da avaliação da aprendizagem. Para eles as conseqüências positivas de utilização da prova estão relacionadas à possibilidade de promover alguma produção de conhecimento dentro do

cenário proposto pela prova; as negativas referem-se à mera reprodução do conteúdo estudado.

Os trabalhos, segundo os alunos, significam a possibilidade de expressar conhecimento, habilidades e atitudes que estão sendo adquiridos em conjunto com os pares, como produto de uma elaboração pessoal ou coletiva. As conseqüências enfatizam o desenvolvimento dos alunos devido à necessidade de elaborar, problematizar, descontextualizar e propor novas idéias

Assim, as avaliações que propiciam a aplicação de conhecimentos já elaborados, que permitem o desenvolvimento da capacidade de criação, a produção de novo conhecimento e, portanto, a construção de sua história, estas são as formas mais valorizadas pelos alunos.

A *Dimensão Emocional*, descrita no capítulo três, analisa os aspectos emocionais presentes no processo de avaliação. Os dados apontam, em sua maior parte, para sentimentos negativos, o que torna imperativo examinar os aspectos geradores de sofrimentos psicológicos e sentimentos aversivos diante da avaliação.

Os dados levantados com alunos apontaram para três categorias. A que diz respeito às atitudes do professor diante do processo de avaliação é o aspecto mais citado pelos alunos e aparece como sendo o fator de maior influência nos sentimentos experimentados durante as avaliações. Nas respostas analisadas percebeu-se que a atitude do professor na avaliação tem mais influência sobre os sentimentos experimentados pelos alunos do que os instrumentos de avaliação.

A categoria que corresponde à avaliação em si e aos sentimentos vivenciados pelos alunos indica que, de modo geral, a situação de avaliação provoca sentimentos negativos a partir do medo do que possa vir a ocorrer e por se tratar de uma situação que envolve julgamento. Quando relatam os aspectos positivos e negativos, os alunos relacionam a avaliação à prova, a qual tem influência direta na percepção geral da situação e nos sentimentos do aluno no processo.

A terceira categoria corresponde às diferenças individuais e ao processo de avaliação e diz

respeito a aspectos psicológicos não cognitivos, mas tão importantes quanto, quais sejam a ansiedade, as expectativas de controle e o autoconceito, que são características adquiridas a partir da relação com pessoas significativas para o aluno, como o professor.

A *Dimensão Ética* refere-se aos aspectos morais subjacentes ao ato de avaliar e corresponde a três princípios: respeito pelas pessoas, beneficência e justiça. Neste sentido, a avaliação da aprendizagem é um dos momentos pedagógicos mais imbuídos de elementos éticos, pois é o momento em que os professores julgam e portanto tomam decisões sobre a vida acadêmica dos alunos.

Da análise dos comentários considerados positivos destaca-se a satisfação pelo respeito humano e pela forma envolvente e democrática de ensinar de alguns professores, valorizando suas competências, seriedade e comprometimento ético.

Em contrapartida, na análise dos depoimentos considerados negativos, o que se destaca é a indignação do aluno quando o professor: cobra na avaliação o que não foi ensinado; comete arbitrariedades e abuso de poder; não estabelece comunicação clara; comete injustiças; desrespeita o aluno como pessoa e usa a avaliação como instrumento de controle e punição

Para as autoras a docência é uma atividade distinta das demais profissões, pois o professor não lida com um cliente, mas com um número expressivo de pessoas que passam por um processo de amadurecimento moral e intelectual. Tal fato atribui ao docente uma responsabilidade incalculável pois, sua passagem pela vida dos alunos não se dá sem conseqüências.

A *Dimensão Corporal* – ritual – ou corporeidade é entendida no capítulo como um fator que ocorre tanto na avaliação como em qualquer outro momento do encontro pedagógico da sala. Constitui-se em experiências cotidianas concretas de prazer e desprazer, que podem expressar-se por grandes e pequenos movimentos gestuais dos sujeitos, das posturas físicas, dos usos que fazem

do espaço dentro e fora da sala de aula. Os rituais, formas e modos de encontro de professores e alunos, tanto para situações de avaliação como para situações de aula e suas conotações de dar, receber, assistir, participar.

Entre os comentários registrados pelos alunos, mais da metade apresentou descrições explícitas de posturas físicas de professores e de alunos. São referências relacionadas ao fazer ritual dos professores e seus alunos; registros que remetem à idéia de como os sujeitos vivem o espaço e o tempo cotidiano acadêmico.

Apresentadas e discutidas as cinco dimensões desta pesquisa, na conclusão as autoras apresentam uma lista de medidas que poderiam possivelmente ser adotadas pelas universidades para a superação das dificuldades (hipóteses de solução). Propõem ações que visam à transformação da realidade, das quais a publicação deste livro é uma delas.

Como as autoras lembram, é preciso levar em conta que no relato os alunos manifestam sua representações sociais sobre as cinco dimensões e emitem seus pontos de vista a respeito de experiências que tiveram. Portanto não se podem

considerar essas indicações como a palavra final, uma vez que os professores não foram ouvidos. Esse fato não invalida porém o uso das representações como suporte para desencadear uma reflexão sobre a prática avaliativa dos professores, uma vez que foi possível constatar, pelos registros dos alunos, que as atitudes dos professores, sejam elas positivas ou negativas, deixaram lembranças que marcaram sua história acadêmica.

Esse fato em si justifica resgatar o processo de reflexão da prática docente sobre a avaliação da aprendizagem, salientando a responsabilidade da universidade e dos professores quanto ao preparo de profissionais para o ensino.

Assim, mais que prescrever normas ou modelos de ação, o livro traz, na fala do aluno, pontos para a reflexão sobre a prática avaliativa dos professores. A simples leitura do livro já constitui em si o processo de reflexão do professor sobre a sua prática na busca de uma ação intencional que favoreça a aprendizagem dos alunos.

Mariaiva Rossi Távares
Fundação Carlos Chagas
mtavares@fcc.org.br